

## UM CONVITE À ESTÉTICA

Miliandre Garcia de Souza\*

Rodrigo Czajka\*\*

VÁZQUEZ, A. S. *Um convite à estética*. Trad.: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 336 p.

O filósofo espanhol, naturalizado mexicano, Adolfo Sánchez Vásquez há muito tempo faz parte de uma lista seleta de autores preocupados em manter aberto o debate em torno da estética. Seus principais trabalhos desde sempre mantiveram um objetivo permanente na construção de uma *ciência estética* que permita a reconstrução crítica do conhecimento histórico-filosófico, ou seja, de representar os fenômenos estético e artístico como produtos de uma objetividade histórica.

A interpretação do marxismo através do conjunto de sua obra representa uma profunda renovação crítica e autocrítica do pensamento marxiano. Enquanto, nas décadas de 1950 e 1960, uma parte da esquerda sustentava uma concepção derivada do socialismo soviético, Vázquez, juntamente a outros nomes, como Ernst Mandel, Adam Schaff, Ernst Bloch, Karel Kosik, Humberto Cerroni entre outros, representaram uma corrente de oposição e crítica àquela versão oficial. *Ensaaios marxistas sobre filosofia e ideologia, Ciência e Revolução, O marxismo de Althusser, Do socialismo científico ao socialismo utópico, Ensaaios marxista sobre história e política, Filosofia da Praxis e Ética* são algumas das obras de Vázquez que demonstram essa renovação para o desenvolvimento de um “marxismo aberto”.

Porém, as obras que de fato o trouxeram mais próximo das investigações acerca do belo e da análise crítica sobre as relações da sociedade moderna com a produção artística foram *As idéias estéticas de Marx* (1965)

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

\*\* Graduado no Curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná.

e a antologia *Estética e Marxismo* (1970), que constituem, por um lado, uma forte impugnação ao realismo socialista e, por outro, a busca da fundamentação de uma estética aberta que se conclui com a publicação de outra obra no ano de 1992: *Um convite à estética*.

De um modo geral, *Um convite à estética* retoma muitos dos pontos abordados em suas obras anteriores. Porém, a diferença dessa com as demais se dá na proposição de um problema ainda não anunciado anteriormente: “a estética que se defende, aspira ser uma ciência que por seu objeto e métodos se inscreve no espaço do conhecimento que também ocupam diferentes ciências humanas e sociais” (p. 53). Tal pressuposto permite Vázquez situar a estética não como mero objeto das incursões investigativas dos filósofos, dos críticos de arte e dos artistas, mas como um projeto de conhecimento disposto a questionar as estéticas tradicionais e especulativas, passíveis ao risco de uma generalização abstrata que dá as costas ao *concreto real*. Essas sucumbem exatamente ao derivar, lógica e ontologicamente, o geral de um princípio estabelecido *a priori*.

Com esse pressuposto, Vázquez se assegura dos problemas de ordem metodológica imputados à Estética no decorrer do seu desenvolvimento desde as primeiras investigações apresentadas por Baumgarten no século XVIII – quando uma “ciência dos sentidos” se fazia necessária em razão do estatuto científico colocado então pelo debate entre empiristas e racionalistas. A Estética, para Vázquez, antes de ser uma forma de conhecimento que não possui objeto próprio – e que, se o tem, não permite explicações objetivas fundadas, dado o seu caráter vaporoso ou opaco à razão –, é um conjunto de valores apreendidos não somente sob a insígnia de “Estética”, mas através de qualquer forma pela qual se percebe ou se constrói relações com as coisas do mundo racional ou empírico. Em suma, a *ciência estética* que Sánchez Vázquez propõe não parte de princípios sugeridos por um sistema de idéias *a priori*, mas a partir da inserção dessas mesmas idéias no contexto histórico e social que as origina.

Ao adotar essa perspectiva teórico-metodológica, é fácil para o autor reconhecer quais são os reais problemas que colaboram para a não-edificação de um conhecimento estético concreto. Pois, segundo Vázquez, uma análise estética consistente e fundamentada não depende necessariamente de uma orientação ontológica (que concebe uma natureza inerente nos seres), mas de uma investigação que permita a consideração dos ele-

mentos infra e supra-estruturais da sociedade moderna. E é assim que o autor contextualiza sua Estética, histórica e socialmente.

Reconhece-se nessa contextualização as diversas formas pelas quais se edificam os discursos em torno dos produtos que reivindicam para si o estatuto estético: é o espectador ingênuo, o conhecedor culto, o crítico de arte, o artista, o filósofo, o historiador da arte e o cientista da arte; são as formas arquetípicas de julgamento estético que, segundo o autor, somente instituem impressões ou mesmo preconceitos contra a própria Estética entendida como “um projeto que avança lenta e penosamente em sua realização, a partir de certas suposições filosóficas sobre o homem, a sociedade e a história, assim como sobre o conhecimento” (p. 18).

Portanto, o sucesso de um tal projeto depende da reconsideração dos elementos que suscitam nas pessoas o prazer estético, a fim de não confundi-los com o resultado do contato sensível com o objeto, ou seja, a própria beleza que se explica por si mesma. Ora, se para Vázquez “é válido afirmar que todo belo é estético, mas nem todo estético é belo” (p. 39), isso significa dizer que as demais categorias estéticas como grotesco, trágico, cômico, monstruoso e gracioso são tão importantes quanto o belo na construção desse projeto, pois, tal como a beleza, as demais categorias também correspondem a representações históricas da estética e, portanto, “o belo não pode constituir o conceito central na definição de Estética, já que esta ficaria limitada ao excluir do seu objeto de estudo o estético *não*-belo; ou insuficiente ao considerar o belo em uma única forma histórica, determinada, de arte como o clássico ou o classicista”. (p. 39)

Devido a isso é que a Estética ou as investigações estéticas também não devem ser relacionadas apenas às manifestações artísticas ou à atividade estética exercida através das obras de arte. Assim como o belo deixa de ser um princípio da Estética e passa a ser considerado apenas como um fenômeno estético, a arte deixa, na mesma proporção, de ser o campo privilegiado da *ciência estética*, pois “a importância que a arte alcança na relação estética do homem como o mundo é um fenômeno histórico” (p. 42), e como tal, segundo Vázquez, as manifestações artísticas devem ser apreendidas.

Diante dessas primeiras conclusões do autor, algumas perguntas: que tipo de saber é o da Estética? Que relação tem esse saber com a filosofia e as ciências? Que enfoques ou métodos são mais adequados a seu objeto

de estudo? A sua argumentação é realmente simples, mas determina uma nova condição dos juízos estéticos e ao mesmo tempo inverte a organização dos conceitos envolvidos na investigação: “a experiência estética e a produção artística são formas do comportamento humano” que terminam fundamentando uma prática histórico-social determinada. Por outro lado, “a Estética se nutre de certa concepção do homem, da história e da sociedade”, que em momentos determinados também fundamentaram tais práticas. Dessa forma, a Estética se firma “como uma ciência que por seu objeto e métodos se inscreve no espaço do conhecimento que também ocupam diferentes ciências humanas e sociais”. (p. 53)

E, como toda ciência, a Estética pretende descrever e explicar seu objeto próprio: sua relação (histórica e social) com a sociedade, assim como a prática artística derivada dessa relação. Ocupa-se, pois, de certos fatos, processos, atos ou objetos que só existem pelo e para o homem. Existência que não se resume ao objeto portador de um poder estético, mas considera interferência do homem e do seu potencial de transformação.

A segunda parte da obra de Vázquez – depois de já evidenciada sua preocupação de encaminhar a Estética por orientações conceituais e de recolocá-la no interior da sua *práxis* histórica – dá início à investigação do desenvolvimento dessa idéia (que ele mesmo denomina de *ciência estética*) no contato com as estéticas moderna e contemporânea, que trazem consigo o rasgo da relação de produção capitalista e a sociedade de consumo. O problema agora desloca o estudo para a relação entre a idéia da Estética como práxis com a forma mais primária da sua apresentação: a produção material. Embora, não somente condicionada aos problemas suscitados pela Estética, a produção material, antes da consciência estética, é o momento que diferencia o homem do restante da matéria disposta na natureza, pois somente o homem é capaz de produzir seus meios de produção e relação materiais (MARX, 1973, p. 19). E é nessa perspectiva que Vázquez apreenderá a produção e o consumo de objetos estéticos, que, muito embora não representem um valor definidamente estético (belo) de tal produção e consumo, estará vinculada à finalidade que esses objetos cumprem no interior das relações sociais. Nesse sentido, “a produção utilitária (que cumpre uma finalidade) foi a condição necessária e o fundamento da produção estética em geral e da artística em particular, na medida em que ambas requerem o mesmo comportamento humano: aquele que se expõe no trabalho a fazer

mudar a matéria que é uma dádiva (o homem) da natureza, ao mesmo tempo que realiza nela o seu objetivo”. (p. 77)

E considerando a produção material – que no fim de todo processo também determina padrões de consumo variados conforme a necessidade de contemplar a mercadoria como objeto estético ou como fetiche (ADORNO, 1989, p. 79) – como o momento em as idéias se fundem na falsa objetividade do produto (alienação), “certamente descobrimos que o consumo que hoje fazemos de certos objetos que consideramos estéticos ou artísticos – de acordo com a natureza estética ou artística que lhes atribuímos – não corresponde à meta ou função que determinou sua produção”. (p. 78)

Ora, Vázquez questiona todo um processo construído no interior da Estética e que no decorrer da sua história assumiu a forma de juízos de valor sem qualquer compromisso com a análise histórica ou sociológica dessa argumentação. Por exemplo: embora o fato de culturas antigas realizarem pinturas, como as da Caverna de Altamira, e dos Olmecas esculpirem máscaras para suas festas religiosas – e isso venha ter uma função mágica ou mística (que necessariamente não precede de uma função estética) –, este é o modo pela qual estas civilizações se relacionaram com o mundo e o imitaram (na forma da produção material do objeto) na tentativa de “encarná-lo”. E é “justamente na medida em que o objeto tem sua importância somente por meio de sua forma sensível, ele assume para nós uma função não original: o estético, (...) mas com o deslocamento da função original para a forma sensível e significativa, opera-se também um deslocamento do objeto como simples meio ou instrumento ao objeto como fim”. (p. 87)

Diferente de Walter Benjamin – que constata a perda do sentido aurático da obra de arte quando esta se encontra submetida aos padrões repetitivos de aparição, esboçando nela um novo sentido (BENJAMIN, 1993, p. 165) –, Vázquez (que não fala da obra de arte especificamente e de uma suposta aura encerrada na mesma) reconstrói o caminho, que se dá através da obra, entre o sentido de culto até o sentido estético. Se para Benjamin a obra representa um “momento eterno” no qual se encerram todos os tempos históricos, para Vázquez ela apenas representa o processo de solidificação dos ideais não somente estéticos, mas políticos, morais e filosóficos.

Na terceira e última parte de *Convite à estética*, o autor apresenta, além do belo, as demais categorias estéticas como o feio, o sublime, o trágico-

co, o cômico e o grotesco. Desde Platão, passando por Aristóteles, Longino, Kant, Hegel, chegando até Dufrenne, Vázquez apresenta a forma como foram construídas as categorias estéticas no interior da obra de cada um desses pensadores e de como os mesmos consideraram os princípios segundo a própria necessidade e a dimensão estética que os objetos então instigavam em seus respectivos contextos.

Essa tarefa é completada por Vázquez na tentativa de evidenciar as relações que as obras em questão mantinham com a sua prática histórica e social. Da necessidade de se ter o belo como idéia perfeita (Platão) à correção dos juízos acerca da percepção sensível (Kant), Vázquez se mostra convicto de que a Estética enquanto ciência primeiro deve adotar a experiência como pressuposto para reconhecer o objeto. É, pois, a sua forma sensível (volume, extensão e dimensão) que irá determinar o comportamento do sujeito que o contempla e, conforme os princípios adotados para o julgamento e investigação (que são os dados históricos e sociais imputados ao objeto), atribuirá forma e significado.

Portanto, *Convite à estética*, de Adolfo Sánchez Vázquez, realiza uma investigação muito pertinente não somente em relação à Estética, mas também em relação às demais ciências que, por um longo tempo, julgaram o entendimento estético insuficiente na formulação de um conhecimento científico. Mais que isso, a Estética, tal como Vázquez pretende nessa obra, é tencionada a um conhecimento crítico e humano, ao reconsiderar não somente seus próprios ajuizamentos, mas sua prática enquanto um fenômeno da história e um resultado da produção material que interfere e resgata na experiência estética um outro sentido, também estético: a *práxis*.

## Referências

ADORNO, T. W. O fetichismo na música. In: \_\_\_\_\_. HORKHEIMER, M. *Textos escolhidos*. Trad.: Zeljko Loparic et. al. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 80-105. (Os Pensadores).

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARX, C.; ENGELS, F. *La ideologia Alemana*. Trad.: Wenceslao Roces. Buenos Aires: Pueblos Unidos, 1973.

VÁZQUEZ, A. S. *Um convite à estética*. Trad.: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.